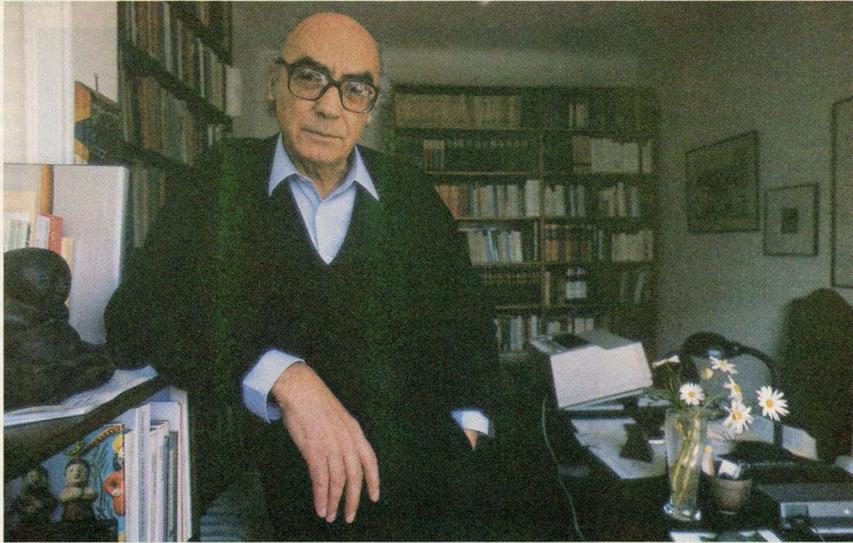


# O CRISTO SEGUNDO SARAMAGO

LUIS RAMOS

LINDA SANTOS COSTA

A aventura de Jesus, revista por José Saramago: em momento algum nos esquecemos da presença do narrador. O “sentido” que descobrimos nos acontecimentos narrados é o “sentido” que neles encontra alguém que vive no final deste século, em Portugal. Ao longe, ouve-se o riso de Deus a lembrar que a verdade não é só uma e escapa sempre ao homem.



José Saramago: qual é a relação do homem com o Deus que inventou?

Uma das coisas óbvias a dizer de Saramago é que ele é extremamente feliz na eleição dos temas dos seus romances, construídos, quase sempre, à volta de sujeitos históricos livremente inventados. E a atestá-lo cá está o último título — “EvangELHO segundo Jesus Cristo” — que alia a fidelidade à mais genuína matriz do génio narrativo de Saramago (a reapropriação do passado e dos agentes com nome e história conhecida) e a infidelidade provocadora que é a eleição, para herói do romance, do mito vivo que é Jesus Cristo. A empresa não é original e é defensável: Jesus existe nos textos que dele se ocupam e tem tantos rostos quantas são as perspectivas donde é olhado. O “Cristo Segundo Saramago” será necessariamente outro-Cristo. Ele tem as marcas do olhar do narrador que ante os nossos olhos (ou ante os nossos ouvidos) desenhará com papel e tinta (a voz deixando marcas, sulcos) a sua visão (arbitrária, discutível) da história de Jesus.

O narrador é, talvez, o elemento mais importante de “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, relegando para segundo plano a personagem principal. Ele “retrata-se” ao narrar os acontecimentos “daquele tempo”. Como todo o narrador, ele conta a história, dispõe os dados, dá voz às personagens. Mas faz muito mais: interpela o leitor, convida-o a participar na narração, desinstala-o da sua condição de passividade, desperta-lhe o sentido crítico; refere-se ao texto narrativo que está em vias de produzir, denuncia os “truques” utilizados, salienta as conexões internas; insere-se na história, traçando de si um retrato afectivo e intelectual; comenta os acontecimentos, iluminando-os com o foco da sua cultura e das suas opções ideológicas.

Em momento algum nos podemos alhear da presença do narrador e o “sentido” que descobrimos nos eventos narrados é o “sentido” que neles encontra um sujeito que vive no final do século XX, em Portugal. Dele sabemos também que é racionalista e anti-dogmático (as crenças humanas, da astrologia à verdade científica são objecto da sua interpelação), humanista (o homem e, sobretudo, a mulher, merecem-lhe uma atenção comovida), crítico da religião e das igrejas, denunciador da exploração do homem pelo homem. E podemos ainda descobrir as fontes inspiradoras da sua visão do mundo: os provérbios como condensação da sapiência popular; os poetas, cujos versos rasgam o texto aqui e ali (a predominância vai para Pessoa que inspira mesmo uma leitura heteronímica de Deus-Pessoa); os filósofos (disfarçadamente aludidos, como Kant, ou nomeados, como Sócrates); os textos inaugurais da tradição ocidental (o Livro dos Livros cruzado com o melhor da memória gre-

ga). Subjacente a tudo isto uma saudável e infinita ironia ao serviço do pensamento, da imaginação. No narrador descobrirão os mais avisados marcas do autor, José Saramago.

Ao longe, muito ao longe, ouve-se o riso de Deus a fazer lembrar que a verdade não é só uma e escapa sempre ao homem. Foi porque Saramago o pressentiu que escreve romances: para ensaiar respostas, para descobrir aquilo que só o romance pode descobrir, para unir o princípio e o fim, ou seja, para escapar à morte.

Toda a economia narrativa decorre da escolha, por parte do autor, de uma situação narrativa que releva da tradição oral e a construção frásica, a linguagem, a pontuação estão ao serviço da simulação da oralidade. Há uma respiração no texto que é a transcrição, na escrita, do ritmo do discurso oral, com as pausas, com os apêndices, as hesitações, os “détours” da conversação. Imaginamos o narrador, perante um auditório que segue a história, erguendo as sobrancelhas, apoiando, criticando, pedindo esclarecimentos. A situação narrativa inscreve-se na teia romanesca e determina muito do que é narrado e como é narrado. Dir-se-ia mesmo que o narrador particulariza o seu discurso em função de diferentes auditores: ele dirige-se tanto ao homem culto (as referências eruditas, as imagens definidoras de um mundo) como ao homem da rua (a linguagem, as preocupações existenciais que passam pelos problemas habitacionais ou do trabalho).

A história, propriamente dita, tece-se a partir da consciência da inelutável passagem do tempo. Os acontecimentos sucedem-se segundo nexos causais — à Anunciação, segue-se a gravidez de Maria, o nascimento de Jesus, a apresentação no Templo, a matança dos inocentes, os episódios da infância de Jesus, a morte de José, o afastamento de Jesus da família, as discussões no Templo, o encontro com o Pastor, a descoberta do amor, os milagres, o encontro com Deus e com o Diabo, o ministério de Jesus, a subida ao Calvário, a crucificação e a morte — traçando do tempo uma imagem linear, mas, subrepticamente, a imagem do círculo impõe-se. O círculo organiza todo o romance, que é estrutural e simbolicamente, uma narrativa circular: o começo e o fim selam-se com o nó do sentido entretanto descoberto.

A gravura, representando Cristo crucificado, com cuja descrição, se inicia o romance, é, descobrimo-lo, no fim da leitura, a condensação pictórica (traduzida em palavras) da história a narrar e a última cena é a fonte matricial da imagem do quadro. Ou o inverso: “o caminho a subir e a descer é um e o mesmo” (Heraclito).

A tigela (versão rústica, de barro, da taça que é vaso

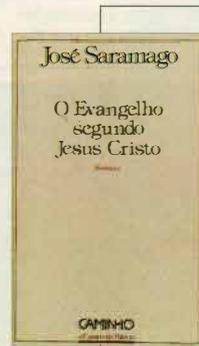
e livro) é a barca que transporta o sentido, quer dizer a metáfora: “Uma corda parecia que fora estendida e esticada em todo o seu comprimento, e afinal o que temos aqui é um círculo, fechado com um nó que acaba de ser dado.” (p. 303) É a taça em que o anjo da guarda recolhe o sangue de Jesus crucificado. Mas também o crânio que, junto da cruz a simbolizar a condenação eterna dos filhos de Adão. E, ao longo da narração, a taça-tigela emerge-se em símbolo privilegiado: transmuta-se em vaso do mais puro ouro, no momento da anunciação; dissimula-se no interior da terra para apagar os seus lumes; dela é retirada como objecto profano; a Jesus, caberá em sorte (a escolha que é destino

no) a tigela desenterrada, como Pastor profetizara: “Trás outra outra tigela, mas essa não se há-de quebrar enquanto vivas”; Pastor-Diabo resgata-a e anuncia: “Um dia voltará ao teu poder, mas tu não chegarás a saber que a tens.”; por fim, ergue-se do chão, a tigela negra onde goteja o sangue de Jesus na cruz.

Os episódios da vida de Jesus, episódios em que se mistura o saber tradicional, apocalíptico, e a recriação heterodoxa, são a ocasião que o romancista se oferece para interpelar a condição humana e as relações do homem com o deus ou deuses que inventa. Que o Deus objecto da interpelação, seja o terrível Deus do Velho Testamento é um problema que concerne aos homens que o criaram e não à figura criada. O escândalo presente, sob a imagem de Deus no banco dos réus, é o escândalo da existência do homem, simultaneamente natural e sobrenatural. Em Jesus, homem e deus, mortal e aspirando à imortalidade, livre e determinado, o lacerado entre o bem e o mal, realiza-se superiormente o ser do homem: ser dividido entre as profundezas da terra e o ilimitado do céu, do sonho.

A aventura de Jesus, revista por Saramago, não é diferente da aventura de Blimunda, de Ricardo Reis ou Mogueime. O lugar de Jesus no cristianismo, que é matriz da cultura ocidental, fará do “EvangELHO segundo Jesus Cristo” um objecto de debate apaixonado e o escritor Saramago não se tem eximido a deitar a mão para a fogueira (que não será a da Inquisição).

Os “desvios” relativamente à iconografia oficial de Cristo podem servir para entrevistas, comentários e canalizados ou laudatórios nos media, mas têm pouca a ver com literatura. Talvez façam vender o livro, mas pouco contribuirão para a sua fruição como obra artística. E é pena. ■



## O Evangelho segundo Jesus Cristo

Autor: José Saramago  
Editor: Caminho  
445 pgs., 1900\$00